

# O Livro dos Médiuns



*Allan Kardec*

**PARTE II – CAPÍTULO XXII**  
**Mediunidade nos animais**

Índice

## O Livro dos Médiuns – (Parte II – Capítulo XXII)

Assunto	Origem	Pagina
<b>01. Mediunidade nos animais</b>	O Livro dos Médiuns	03
<b>Mediunidade nos animais (I)</b>	Centro Espírita Batuíra	07
<b>Mediunidade nos animais (II)</b>	Centro Espírita Batuíra	09
<b>Mediunidade nos animais (III)</b>	Centro Espírita Batuíra	10
<b>Mediunidade nos animais (IV)</b>	Centro Espírita Batuíra	12

**Parte II – Das manifestações Espíritas.**

**Capítulo XXII – Mediunidade nos animais**

**1. Mediunidade nos animais**

234. Podem os animais ser médiuns? Muitas vezes, tem sido formulada esta pergunta, à qual parece que alguns fatos respondem afirmativamente. O que, sobretudo, tem autorizado a opinião dos que pensam assim são os notáveis sinais de inteligência de alguns pássaros que, educados, parecem adivinhar o pensamento e tiram de um maço de cartas as que podem responder com exatidão a uma pergunta feita. Observamos com especial atenção, tais experiências e o que mais admiramos foi a arte que houve de ser empregada para a instrução dos ditos pássaros.

Incontestavelmente, não se lhes pode recusar uma certa dose de inteligência relativa, mas preciso se torna convir em que, nesta circunstância, a perspicácia deles ultrapassaria de muito a do homem, pois ninguém há que possa lisonjear-se de fazer o que eles fazem. Fora mesmo necessário supor-lhes, para algumas experiências, um dom de segunda vista superior ao dos sonâmbulos mais lúcidos. Sabe-se, com efeito, que a lucidez é essencialmente variável e sujeita a frequentes intermitências, ao passo que nesses animais seria permanente e funcionaria com uma regularidade e precisão que em nenhum sonâmbulo se vêem. Numa palavra: ela nunca lhes faltaria.

Na sua maior parte, as experiências que presenciamos são da natureza das que fazem os prestidigitadores e não podiam deixar-nos em dúvida sobre o emprego de alguns dos meios de que usam estes, notadamente o das cartas forçadas. A arte da prestidigitação consiste em dissimular esses meios, sem o que o efeito não teria graça. Todavia, o fenômeno, mesmo reduzido a estas proporções, não se apresenta menos interessante e há sempre que admirar o talento do instrutor, tanto quanto a inteligência do aluno, pois que a dificuldade a vencer é bem maior do que seria se o pássaro agisse apenas em virtude de suas próprias faculdades. Ora, levá-lo a fazer coisas que excedem o limite do possível para a inteligência humana é provar, por este simples fato, o emprego de um processo secreto. Aliás, há uma circunstância que jamais deixa de verificar-se: a de que os pássaros só chegam a tal grau de habilidade, ao cabo de certo tempo e mediante cuidados especiais e perseverantes, o que não seria necessário, se apenas a inteligência deles estivesse em jogo. Não é mais extraordinário educá-los para tirar cartas, do que os habituar a repetir árias, ou palavras.

O mesmo se verificou, quando a prestidigitação pretendeu imitar a segunda vista. Obrigava-se o paciente a ir ao extremo, para que a ilusão durasse longo tempo. Desde a primeira vez que assistimos a uma sessão deste gênero, nada mais vimos do que muito imperfeita imitação do sonambulismo, revelando ignorância das condições essenciais dessa faculdade.

235. Como quer que seja, no tocante às experiências de que acima falamos, não menos integral permanece, de outro ponto de vista, a questão principal, por isso que, assim como a imitação do sonambulismo não obsta a que a faculdade exista, também a imitação da mediunidade por meio dos pássaros nada prova contra a possibilidade da existência, neles, ou em outros animais, de uma faculdade análoga.

Trata-se, pois, de saber se os animais são aptos, como os homens, a servir de intermediários aos Espíritos, para suas comunicações inteligentes. Muito lógico parece mesmo se suponha que um ser vivo, dotado de certa dose de inteligência, seja mais apto, para esse efeito, do que um corpo inerte, sem vitalidade, qual, por exemplo, uma mesa. É, entretanto, o que não se dá

## O Livro dos Médiuns – (Parte II – Capítulo XXII)

236. A questão da mediunidade dos animais se acha completamente, resolvida na dissertação seguinte, feita por um Espírito cuja profundidade e sagacidade os leitores não podiam apreciar nas citações, que temos tido ocasião de fazer, de instruções suas. Para bem se apreender o valor da sua demonstração, essencial é se tenha em vista a explicação por ele dada do papel do médium nas comunicações, explicação que atrás reproduzimos. (Nº 225.)

Esta comunicação deu-a ele em seguida a uma discussão, que se travara, sobre o assunto, na Sociedade Parisiense de Estudos Espíritos:

“Explanarei hoje a questão da mediunidade dos animais, levantada e sustentada por um dos vossos mais fervorosos adeptos. Pretende ele, em virtude deste axioma: Quem pode o mais pode o menos, que podemos ‘mediunizar’ os pássaros e os outros animais e servir-nos deles nas nossas comunicações com a espécie humana. É o que chamais, em filosofia, ou, antes, em lógica, pura e simplesmente um sofisma. ‘Podeis animar, diz ele, a matéria inerte, isto é, uma mesa, uma cadeira, um piano; a fortiori, deveis poder animar a matéria já animada e particularmente pássaros.’ Pois bem! no estado normal do Espiritismo, não é assim, não pode ser assim.

“Primeiramente, entendamo-nos bem acerca dos fatos. Que é um médium? É o ser, é o indivíduo que serve de traço de união aos Espíritos, para que estes possam comunicar-se facilmente com os homens: Espíritos encarnados. Por conseguinte, sem médium, não há comunicações tangíveis, mentais, escritas, físicas, de qualquer natureza que seja.

“Há um princípio que, estou certo, todos os espíritas admitem, é que os semelhantes atuam com seus semelhantes e como seus semelhantes. Ora, quais são os semelhantes dos Espíritos, senão os Espíritos, encarnados ou não? Será preciso que vo-lo repitamos incessantemente? Pois bem! repeti-lo-ei ainda: o vosso perispírito e o nosso procedem do mesmo meio, são de natureza idêntica, são, numa palavra, semelhantes. Possuem uma propriedade de assimilação mais ou menos desenvolvida, de magnetização mais ou menos vigorosa, que nos permite a nós, Espíritos desencarnados e encarnados, pormo-nos muito pronta e facilmente em comunicação. Enfim, o que é peculiar aos médiuns, o que é da essência mesma da individualidade deles, é uma afinidade especial e, ao mesmo tempo, uma força de expansão particular, que lhes suprimem toda refratariedade e estabelecem, entre eles e nós, uma espécie de corrente, uma espécie de fusão, que nos facilita as comunicações. É, em suma, essa refratariedade da matéria que se opõe ao desenvolvimento da mediunidade, na maior parte dos que não são médiuns.

“Os homens se mostram sempre propensos a tudo exagerar; uns, não falo aqui dos materialistas, negam alma aos animais, outros de boa mente lhes atribuem uma, igual, por assim dizer, à nossa. Por que não de pretender deste modo confundir o perfectível com o imperfectível? Não, não, convencei-vos, o fogo que anima os irracionais, o sopro que os faz agir, mover e falar na linguagem que lhes é própria, não tem, quanto ao presente, nenhuma aptidão para se mesclar, unir, fundir com o sopro divino, a alma etérea, o Espírito em uma palavra, que anima o ser essencialmente perfectível: o homem, o rei da criação. Ora, não é essa condição fundamental de perfectibilidade o que constitui a superioridade da espécie humana sobre as outras espécies terrestres? Reconhecei, então, que não se pode assimilar ao homem, que só ele é perfectível em si mesmo e nas suas obras, nenhum indivíduo das outras raças que vivem na Terra.

“O cão que, pela sua inteligência superior entre os animais, se tornou o amigo e o comensal do homem, será perfectível por si mesmo, por sua iniciativa pessoal? Ninguém ousaria afirmá-lo, porquanto o cão não faz progredir o cão. O que, dentre eles, se mostre mais bem-educado, sempre o foi pelo seu dono. Desde que o mundo é mundo, a lontra sempre construiu sua choça em cima d’água, seguindo as mesmas proporções e uma regra invariável; os rouxinóis e as

## O Livro dos Médiuns – (Parte II – Capítulo XXII)

andorinhas jamais construíram os respectivos ninhos senão do mesmo modo que seus pais o fizeram.

Um ninho de pardais de antes do dilúvio, como um ninho de pardais dos tempos modernos, é sempre um ninho de pardais, edificado nas mesmas condições e com o mesmo sistema de entrelaçamento das palhinhas e dos fragmentos apanhados na primavera, na época dos amores. As abelhas e formigas, que formam pequeninas repúblicas bem administradas, jamais mudaram seus hábitos de abastecimento, sua maneira de proceder, seus costumes, suas produções. A aranha, finalmente, tece a sua teia sempre do mesmo modo.

“Por outro lado, se procurardes as cabanas de folhagens e as tendas das primeiras idades do mundo, encontrareis, em lugar de umas e outras, os palácios e os castelos da civilização moderna. Às vestes de peles brutas sucederam os tecidos de ouro e seda. Enfim, a cada passo, achais a prova da marcha incessante da Humanidade pela senda do progresso.

“Desse progredir constante, invencível, irrecusável, do Espírito humano e desse estacionamento indefinido das outras espécies animais, haveis de concluir comigo que, se é certo que existem princípios comuns a tudo o que vive e se move na Terra: o sopro e a matéria, não menos certo é que somente vós, Espíritos encarnados, estais submetidos a inevitável lei do progresso, que vos impele fatalmente para diante e sempre para diante. Deus colocou os animais ao vosso lado como auxiliares, para vos alimentarem, para vos vestirem, para vos secundarem. Deu-lhes uma certa dose de inteligência, porque, para vos ajudarem, precisavam compreender, porém lhes outorgou inteligência apenas proporcionada aos serviços que são chamados a prestar. Mas, em sua sabedoria, não quis que estivessem sujeitos à mesma lei do progresso. Tais como foram criados se conservaram e se conservarão até a extinção de suas raças.

“Dizem: os Espíritos ‘mediunizam’ a matéria inerte e fazem que se movam cadeiras, mesas, pianos. Fazem que se movam, sim, ‘mediunizam’, não! porquanto, mais uma vez o digo, sem médium, nenhum desses fenômenos pode produzir-se. Que há de extraordinário em que, com o auxílio de um ou de muitos médiuns, façamos se mova a matéria inerte, passiva, que, precisamente em virtude da sua passividade, da sua inércia, é apropriada a executar os movimentos e as impulsões que lhe queiramos imprimir? Para isso, precisamos de médiuns, é positivo; mas, não é necessário que o médium esteja presente, ou, seja consciente, pois que podemos atuar com os elementos que ele nos fornece, a seu mau grado e ausente, sobretudo para produzir os fatos de tangibilidade e o de transportes. O nosso envoltório fluídico, mais imponderável e mais sutil do que o mais sutil e o mais imponderável dos vossos gases, com uma propriedade de expansão e de penetrabilidade inapreciável para os vossos sentidos grosseiros e quase inexplicável para vós, unindo-se, casando-se, combinando-se com o envoltório fluídico, porém animalizado, do médium, nos permite imprimir movimento a móveis quaisquer e até quebrá-los em aposentos desabitados.

“É certo que os Espíritos podem tornar-se visíveis e tangíveis aos animais e, muitas vezes, o terror súbito que eles denotam, sem que lhe perceba a causa, é determinado pela visão de um ou de muitos Espíritos, mal-intencionados com relação aos indivíduos presentes, ou com relação aos donos dos animais. Ainda com mais freqüência vedes cavalos que se negam a avançar ou a recuar, ou que empinam diante de um obstáculo imaginário. Pois bem! tende como certo que o obstáculo imaginário é quase sempre um Espírito ou um grupo de Espíritos que se comprazem em impedi-los de mover-se. Lembrai-vos da mula de Balaão que, vendo um anjo diante de si e temendo-lhe a espada flamejante, se obstinava em não dar um passo. É que, antes de se manifestar visivelmente a Balaão, o anjo quisera tornar-se visível somente para o animal. Mas, repito, não mediunizamos diretamente nem os animais, nem a matéria inerte. É-nos sempre necessário o concurso consciente, ou inconsciente, de um médium humano, porque precisamos da união de fluidos similares, o que não achamos nem nos animais, nem na matéria bruta.

## O Livro dos Médiuns – (Parte II – Capítulo XXII)

“O Sr. T..., diz-se, magnetizou o seu cão. A que resultado chegou? Matou-o, porquanto o infeliz animal morreu, depois de haver caído numa espécie de atonia, de langor, consequentes à sua magnetização. Com efeito, saturando-o de um fluido haurido numa essência superior à essência especial da sua natureza de cão, ele o esmagou, agindo sobre o animal à semelhança do raio, ainda que mais lentamente. Assim, pois, como não há assimilação possível entre o nosso perispírito e o envoltório fluídico dos animais, propriamente ditos, aniquila-los-íamos instantaneamente, se os mediunizássemos.

“Isto posto, reconheço perfeitamente que há nos animais aptidões diversas; que certos sentimentos, certas paixões, idênticas às paixões e aos sentimentos humanos, se desenvolvem neles; que são sensíveis e reconhecidos, vingativos e odientos, conforme se procede bem ou mal com eles. É que Deus, que nada fez incompleto, deu aos animais, companheiros ou servidores do homem, qualidades de sociabilidade, que faltam inteiramente aos animais selvagens, habitantes das solidões. Mas, daí a poderem servir de intermediários para a transmissão do pensamento dos Espíritos, há um abismo: a diferença das naturezas.

“Sabeis que tomamos ao cérebro do médium os elementos necessários a dar ao nosso pensamento uma forma que vos seja sensível e apreensível; é com o auxílio dos materiais que possuí, que o médium traduz o nosso pensamento em linguagem vulgar. Ora bem! que elementos encontraríamos no cérebro de um animal? Tem ele ali palavras, números, letras, sinais quaisquer, semelhantes aos que existem no homem, mesmo o menos inteligente? Entretanto, direis, os animais compreendem o pensamento do homem, adivinham-no até. Sim, os animais educados compreendem certos pensamentos, mas já os vistes alguma vez reproduzi-los? Não. Deveis então concluir que os animais não nos podem servir de intérpretes.

“Resumindo: os fatos mediúnicos não podem dar-se sem o concurso consciente, ou inconsciente, dos médiuns; e somente entre os encarnados, Espíritos como nós, podemos encontrar os que nos sirvam de médiuns. Quanto a educar cães, pássaros, ou outros animais, para fazerem tais ou tais exercícios, é trabalho vosso e não nosso.”

ERASTO.

Nota. Na Revue Spirite, de setembro de 1861, encontra-se, minudenciado, um processo empregado pelos educadores de pássaros sábios, com o fim de fazê-los tirar de um maço de cartas as que se queiram.

## Estudos

Centro Espírita Bатуíra

## I. Mediunidade nos animais

### Mediunidade nos animais (I)

#### Os animais podem ser médiuns?

Esta questão também mereceu a atenção de Allan Kardec como se observa nas questões 234 a 236, e foi objeto de estudos e debates na Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas.

Tanto os Espíritos quanto Kardec e a Sociedade Espírita consideraram o assunto como sem fundamento.

No livro Mediunidade – cap. Mediunidade zoológica –, o Prof. Herculano Pires afirma que o animal pode ser considerado como o último elo da cadeia evolutiva que culmina no homem.

Depois da Humanidade inicia-se um novo ciclo da evolução com a Angelitude (Reino Espiritual). Não há descontinuidade na evolução.

Tudo se encadeia no Universo, como também afirmou Allan Kardec e os Espíritos da Codificação. A teoria doutrinária da criação dos seres, isto é, a Ontogênese Espírita (do grego: onto é ser; logia é estudo) revela o processo evolutivo a partir do reino mineral até o reino hominal.

Léon Denis a divulgou numa sequência poética e naturalista: **“A alma dorme na pedra, sonha no vegetal, agita-se no animal e acorda no homem.”**

Entre cada uma dessas fases existem faixas intermediárias, nas quais o ser guarda, características da fase que está deixando, incorporando-se à próxima, sem que esteja plenamente caracterizado.

Assim, a teoria espírita da evolução considera o homem como um todo formado de espírito e matéria. A própria evolução é apresentada como um processo de interação entre esses dois elementos.

Cada fase, definida num dos reinos da Natureza, caracteriza-se por condições próprias, como resultantes do desenvolvimento de potencialidades dos reinos anteriores.

Só nas zonas intermediárias, que marcam a passagem de uma fase para a outra, existem misturas das características anteriores com as posteriores.

Por exemplo: entre o reino vegetal e o reino animal, há a zona dos vegetais carnívoros; entre o reino animal e o reino hominal, há a zona dos antropoides.

A teoria da evolução se confirma na pesquisa científica por dados evidentes e significativos.

A caracterização específica de cada reino define as possibilidades de cada um deles e limita-os em áreas de desenvolvimento próprio.

A pedra não apresenta sinais de vida, embora em seu núcleo estrutural intensa atividade esteja se processando nas forças de atração; o vegetal tem vida e sensibilidade, o animal acrescenta às características da planta a mobilidade e os órgãos sensoriais específicos, com inteligência em processo de desenvolvimento. Somente no homem todas essas características dos reinos naturais se apresentam numa síntese perfeita e equilibrada, com inteligência desenvolvida, razão e pensamento contínuo e criador.

Mas a mais refinada conquista da evolução, que marca o homem com o endereço do plano angélico (Reino Espiritual) é a Mediunidade. Função sem órgão, resultante de todas as funções orgânicas e psíquicas da espécie, a **Mediunidade é a síntese por excelência**, que consubstancia todo o processo evolutivo da Natureza.

Querer atribuí-la a outras espécies que não a humana é absurdo, uma vez que, mediunidade requer processo de sintonia impossível de acontecer no pensamento fragmentado do animal.

Por isso, todos os que querem encontrá-la nos animais a reduzem a um sistema comum de comunicação animal, desconhecendo-lhe a essência para só encará-la através dos efeitos.

O ponto de máximo absurdo nessa teoria da mediunidade nos animais é a aceitação de “incorporação” de Espíritos humanos em animais.

As comunicações mediúnicas são possíveis somente no plano humano.

## **O Livro dos Médiuns – (Parte II – Capítulo XXII)**

A Natureza emprega os processos das formas no desenvolvimento das espécies animais e no crescimento das criaturas humanas, sempre no âmbito de cada espécie e segundo as leis das lentas variações da formação dos seres.

Jamais o Espiritismo admitiu os excessos de imaginação que o fariam perder de vista as regras do bom senso e a firmeza com que avança na conquista dos mais graves conhecimentos de que a Humanidade necessita para prosseguir na sua evolução moral e espiritual.

Tereza Cristina D'Alessandro  
Abril / 2012

### **Bibliografia:**

**Kardec Allan**, O Livro dos Médiuns, (Cap. XXII e XIX.)

**Kardec Allan**, O Livro dos Espíritos, (Cap. XI q. 592 a 613.)

**Kardec Allan**, Revista Espírita, (Junho de 1860 – O Espírito e o Cãozinho), (Julho de 1861 – Papel dos médiuns nas comunicações, Erasto e Timóteo, (Agosto de 1861 – Os animais médiuns, Erasto), (Setembro de 1861 – Carta do Sr Mathieu sobre mediunidade das aves), (Maio de 1865 – Manifestação do espírito dos animais)

**Pires J. Herculano**, Mediunidade, (Cap. XI, Mediunidade Zoológica.)



**Estudos**

Centro Espírita Bатуíra

**I. Mediunidade nos animais**

**Mediunidade nos animais (II)**

**Os animais podem ser médiuns?**

Esta questão também mereceu a atenção de Allan Kardec como se observa nas questões 234 a 236, e foi objeto de estudos e debates na Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas.

Tanto os Espíritos quanto Kardec e a Sociedade Espírita consideraram o assunto como sem fundamento.

E continuando as reflexões sobre o tema, ainda estudando o livro Mediunidade de José Herculano Pires, o autor relata que as pesquisas parapsicológicas demonstram a existência da percepção extrassensorial nos animais, a qual lhes permite enxergar e ouvir vibrações de ondas não passíveis de serem captadas pelo sensorio humano.

Certas faculdades dos animais são agudas, como a visão na águia e no lince, a do olfato e da audição nos cães, a da direção nas aves e animais marinhos; faculdades estas desenvolvidas na medida das necessidades de sobrevivência de certas espécies.

As faculdades humanas correspondentes são menos acentuadas, porque já possuímos outros meios para aferir a realidade, usando faculdades superiores de que temos maior necessidade no campo da evolução espiritual.

A percepção extrassensorial é muito difundida no reino animal, e os Espíritos incumbidos de zelar por esse reino, em certos casos podem excitar suas percepções para atender a circunstâncias especiais.

Os casos de animais que se recusam a passar num trecho da estrada porque este é assombrado – segundo lendas, nada tem que ver com a mediunidade.

Muitas vezes o animal se recusa porque percebeu não um Espírito, mas sim a presença de uma serpente no mato.

Tereza Cristina D'Alessandro  
Maio / 2012

**Bibliografia:**

**Kardec** Allan, O Livro dos Médiuns, (Cap. XXII e XIX.)

**Kardec** Allan, O Livro dos Espíritos, (Cap. XI q. 592 a 613.)

**Kardec** Allan, Revista Espírita, (Junho de 1860 – O Espírito e o Cãozinho), (Julho de 1861 – Papel dos médiuns nas comunicações, Erasto e Timóteo), (Agosto de 1861 – Os animais médiuns, Erasto), (Setembro de 1861 – Carta do Sr Mathieu sobre mediunidade das aves), (Maio de 1865 – Manifestação do espírito dos animais)

**Pires** J. Herculano, Mediunidade, (Cap. XI, Mediunidade Zoológica.)

**Estudos**

Centro Espírita Bатуíra

**I. Mediunidade nos animais**

**Mediunidade nos animais (III)**

Na Revista Espírita, Junho de 1860, pg. 179, no artigo – O Espírito e o Cãozinho – é relatado o caso de um cão que percebia a presença de um Espírito – seu dono, desencarnado havia pouco. Em reunião mediúnica da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas é perguntado ao Espírito por que meios o cão o reconhece, e ele responde:  
“A extrema finura dos sentidos do cão”.

Posteriormente o Espírito Charles comunica-se explicando:

“A vontade humana atinge e adverte o instinto dos animais, sobretudo dos cães, antes que algum sinal exterior o revele.

Por suas fibras nervosas o cão é colocado em relação direta conosco, Espíritos, quase tanto quanto com os homens: percebe as aparições; dá-se conta da diferença existente entre elas e as coisas reais ou terrenas, e lhes tem muito medo”.

“(…) Acrescentarei que seu órgão visual é menos desenvolvido do que as suas sensações; ele vê menos do que sente; o fluido elétrico o penetra quase que habitualmente”.

Desse modo, compreendemos que o cão percebe a presença de Espíritos, não através da mediunidade, mas através da percepção peculiar acentuada e por ser, em princípio, constituído do mesmo fluido que os Espíritos.

Outros casos comentados são as aparições de animais – fantasmas.

Na Revista Espírita – Maio de 1865, pg. 125 a 129, é relatada a aparição de uma cachorra chamada Mika.

Será que o princípio inteligente, que deve sobreviver nos animais como no homem, possuiria, em certo grau, a faculdade de comunicação como o Espírito humano?

Posteriormente, é recebida a seguinte comunicação de um Espírito, sobre o assunto (transcrevemos parte dela):

“(…) Assim, a manifestação pode dar-se, mas é passageira, porque o animal para subir um degrau, necessita de um trabalho latente que aniquila, em todos, qualquer sinal exterior de vida.

Esse estado é a crisálida espiritual, onde se elabora a alma, perispírito informe, não tendo nenhuma figura reprodutiva de traços (...)”.

“(…) que o animal, seja qual for, não pode traduzir seu pensamento pela linguagem humana, suas ideias são apenas rudimentares; para ter a possibilidade de exprimir-se como faria o Espírito de um homem, ele necessitaria ter ideias, conhecimentos e um desenvolvimento que não tem, nem pode ter.

Tende, pois, como certo, que nem o cão, o gato, o burro, o cavalo ou o elefante, podem manifestar-se por via mediúnica.

Os Espíritos chegados ao grau da humanidade, e só eles, podem fazê-lo, e ainda em razão do seu adiantamento porque o Espírito de um selvagem não vos poderá falar como o de um homem civilizado”.

As manifestações de fantasmas animais não são naturalmente conscientes como as de criaturas humanas, mas são produzidas por entidades espirituais interessadas nessas demonstrações, seja para incentivar o maior respeito pelos animais na Terra, seja por motivos científicos.

Tereza Cristina D'Alessandro  
Junho / 2012

## **O Livro dos Médiuns – (Parte II – Capítulo XXII)**

### **Bibliografia:**

**Kardec Allan**, O Livro dos Médiuns, (Cap. XXII e XIX.)

**Kardec Allan**, O Livro dos Espíritos, (Cap. XI q. 592 a 613.)

**Kardec Allan**, Revista Espírita, (Junho de 1860 – O Espírito e o Cãozinho)

**Kardec Allan**, Revista Espírita, (Julho de 1861 – Papel dos médiuns nas comunicações, Erasto e Timóteo.)

**Kardec Allan**, Revista Espírita, (Agosto de 1861 – Os animais médiuns, Erasto)

**Kardec Allan**, Revista Espírita, (Setembro de 1861 – Carta do Sr Mathieu sobre mediunidade das aves)

**Kardec Allan**, Revista Espírita, (Maio de 1865 – Manifestação do espírito dos animais)

**Pires J. Herculano**, Mediunidade, (Cap. XI, Mediunidade Zoológica.)

## Estudos

Centro Espírita Bатуíra

## I. Mediunidade nos animais

### Mediunidade nos animais (IV)

Continuando nossa análise, recorreremos aos capítulos XIX e XXII de O Livro dos Médiuns e estudando o conteúdo ali exposto, observamos a complexidade do papel dos médiuns nas comunicações, excluindo assim a possibilidade dos animais serem médiuns.

Livro dos Médiuns

- Cap XIX – Papel dos Médiuns nas Comunicações;
- Cap XXII – Da Mediunidade nos animais, q.236 – Comunicação de Erasto.

“(…) que é um Médium? É o ser, é o indivíduo que serve de traço de união aos Espíritos para que estes possam comunicar-se facilmente com os homens, Espíritos encarnados. Por conseguinte, sem médium, não há comunicações tangíveis, mentais, escritas, físicas, de qualquer natureza que seja”.

“(…) os semelhantes agem através de seus semelhantes e como os seus semelhantes. Ora, quais são os semelhantes dos Espíritos, senão os Espíritos, encarnados ou não? (...) o vosso perispírito e o nosso procedem do mesmo meio, são de natureza idêntica, são, numa palavra, semelhantes. Possuem uma propriedade de assimilação mais ou menos desenvolvida, de magnetização mais ou menos vigorosa, que nos permite aos Espíritos e aos encarnados entrar facilmente em relação. Enfim, o que pertence especificamente aos médiuns, à essência mesma de sua individualidade, é uma afinidade especial, e ao mesmo tempo, uma força de expansão particular, que anulam neles toda possibilidade de rejeição, estabelecendo entre eles e nós, uma espécie de corrente ou fusão, que facilita as nossas comunicações. É, de resto, essa possibilidade de rejeição, própria da matéria, que se opõe ao desenvolvimento da mediunidade, na maior parte dos que não são médiuns”.

“(…) o fogo que anima os irracionais, o sopro que os faz agir, mover, e falar na linguagem que lhes é própria, não tem quanto ao presente, nenhuma aptidão para se mesclar, unir, fundir com o sopro divino, a alma etérea, o Espírito em uma palavra, que anima o ser essencialmente perfectível: o homem (...)”.

“(…) não mediunizamos diretamente nem os animais, nem a matéria inerte. Precisamos sempre do concurso consciente ou inconsciente, de um médium humano, porque precisamos da união de fluidos similares, o que não achamos nem nos animais nem na matéria bruta”.

“(…) sabeis que tiramos do cérebro do médium os elementos necessários para dar ao nosso pensamento a forma sensível e apreensível para vós. É com o auxílio dos seus próprios materiais que o médium traduz o nosso pensamento em linguagem vulgar. Pois bem: que elementos encontraríamos no cérebro de um animal? Haveria ali palavras, números, letras, alguns sinais semelhantes aos que encontramos no homem, mesmo o mais ignorante? Entretanto, direis, os animais compreendem o pensamento do homem, chegam mesmo a adivinhá-lo. Sim, os animais amestrados compreendem certos pensamentos, mas já os vistes reproduzi-los? Não. Concluí, pois, que os animais não podem servir-nos de intérpretes.

Resumindo: os fenômenos mediúnicos não podem produzir-se sem o concurso consciente ou inconsciente dos médiuns, e é somente entre os encarnados, Espíritos como nós, que encontramos os que podem servir-nos de médiuns. Quanto a ensinar cães, pássaros e outros animais, para fazerem estes ou aqueles serviços, é problema vosso e não nosso.” – ERASTO

## **O Livro dos Médiuns – (Parte II – Capítulo XXII)**

Assim, concluímos ser a Mediunidade uma faculdade natural do Espírito. Afirma o Prof. Herculano Pires no livro Mediunidade que querer encontrá-la nos animais significa não entender seu mecanismo, finalidade e função, ignorando-lhe a essência para só encará-la através dos efeitos. Os principais elementos que permitem o desabrochar dessa faculdade só apareceram no homem: sensibilidade, psiquismo, afetividade, vontade, consciência, juízo, memória, pensamento contínuo e intuição inata de Deus.

Tereza Cristina D'Alessandro  
Julho / 2012

### **Bibliografia:**

**Kardec Allan**, (Cap. XXII e XIX.)

**Kardec Allan**, (Cap. XI q. 592 a 613.)

**Kardec Allan**, Revista Espírita, (Junho de 1860 – O Espírito e o Cãozinho)

**Kardec Allan**, Revista Espírita, (Julho de 1861 – Papel dos médiuns nas comunicações, Erasto e Timóteo.)

**Kardec Allan**, Revista Espírita, (Agosto de 1861 – Os animais médiuns, Erasto)

**Kardec Allan**, Revista Espírita, (Setembro de 1861 – Carta do Sr Mathieu sobre mediunidade das aves)

**Kardec Allan**, Revista Espírita, (Maio de 1865 – Manifestação do espírito dos animais)

**Pires J. Herculano**, Mediunidade, (Cap. XI, Mediunidade Zoológica.)